ISSN 2179-8745

Boletim de Comércio Exterior da Bahia

Outubro 2020

publicações SEI

Sumário

Desempenho do Comércio Exterior da Bahia – Outubro 2020, **3**

Importações, **6**

Apêndice A – Outubro 2020

Tabela I - Balança comercial - Brasil
Tabela II - Balança comercial - Bahia
Tabela III - Balança - Brasil X Bahia
Tabela IV - Participação do comércio exterior da Bahia no comércio brasileiro
Tabela V - Exportações brasileiras - Regiões
Tabela VI - Exportações brasileiras - Principais estados
Tabela VII - Exportações brasileiras - Nordeste por estados
Tabela VIII - Exportações baianas - Principais municípios
Tabela IX - Exportações baianas - Fator agregado
Tabela X - Exportações baianas - Principais segmentos
Tabela XI - Exportações baianas - Principais segmentos por produtos
Tabela XII - Exportações baianas - Principais produtos
Tabela XIII - Exportações baianas - Principais países e blocos econômicos
Tabela XIV - Importações brasileiras por regiões
Tabela XV - Importações brasileiras - Principais estados
Tabela XVI - Importações nordestinas por Estado
Tabela XVII - Importações baianas - Principais municípios
Tabela XVIII - Importações baianas - Categorias de uso
Tabela XIX - Importações baianas - Principais produtos
Tabela XX - Importações baianas - Principais países e blocos econômicos

Apêndice B – Informativo acumulado de janeiro a outubro de 2019

Tabela I - Balança comercial - Brasil
Tabela II - Balança comercial - Bahia
Tabela III - Exportações brasileiras - Regiões
Tabela IV - Exportações brasileiras - Principais estados
Tabela V - Exportações brasileiras - Nordeste por estados
Tabela VI - Exportações baianas - Principais municípios
Tabela VII - Exportações baianas - Fator agregado
Tabela VIII - Exportações baianas - Principais segmentos
Tabela IX - Exportações baianas - Principais segmentos por produtos
Tabela X - Exportações baianas - Principais produtos
Tabela XI - Exportações baianas - Principais países e blocos econômicos
Tabela XII - Importações brasileiras por regiões
Tabela XIII- Importações brasileiras - Principais estados
Tabela XIV- Importações nordestinas por estado
Tabela XV - Importações baianas - Principais municípios
Tabela XVI - Importações baianas - Categorias de uso
Tabela XVII - Importações baianas - Principais produtos
Tabela XVIII - Importações baianas - Principais países e blocos econômicos

SEI 25 65
SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA
25 ANOS DE SEI. 65 ANOS DE HISTÓRIA.

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO
GOVERNO DO ESTADO
BAHIA. AQUI É TRABALHO

Governo do Estado da Bahia
Rui Costa

Secretaria do Planejamento
Walter de Freitas Pinheiro

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
Jorgete Oliveira Gomes da Costa

Diretoria de Indicadores e Estatística
Armando Affonso de Castro Neto

Coordenação de Acompanhamento Conjuntural
Arthur Souza Cruz Junior

Coordenação Editorial
Arthur Souza Cruz Junior

Elaboração Técnica
Arthur Souza Cruz Junior

Coordenação de Biblioteca e Documentação
Normalização
Eliana Marta Gomes Silva Sousa

Editoria Geral
Elisabete Cristina Teixeira Barretto

Editoria de Arte e de Estilo
Ludmila Nagamatsu

Revisão
Elvira Mejía

Editoração
Adir Filho

Av. Luiz Viana Filho, 4ª Avenida, 435, CAB
Salvador (BA) • Cep: 41.745-002
Tel.: (71) 3115 4822 • Fax: (71) 3116 1781
www.sei.ba.gov.br • sei@sei.ba.gov.br

Mesmo batendo seu recorde anual ao atingir US$ 764,5 milhões em outubro, as exportações baianas permaneceram em queda – pelo terceiro mês consecutivo – quando comparadas a 2019. No antepenúltimo mês de 2020, as exportações baianas ficaram 14% inferiores a igual mês do ano passado, ainda que o volume embarcado tenha crescido 9% a 1,34 milhão de toneladas, puxado pelo fôlego da agroindústria e pelo setor metalúrgico. As importações permaneceram em queda, como de resto durante todos os meses de 2020, com recuo de 36,2% a US$ 441 milhões na mesma base de comparação.

Mais uma vez, foi determinante para a queda das exportações, o recuo nos preços médios dos produtos vendidos ao exterior, que em outubro atingiram (-21,1%), comparados a outubro de 2019. O volume embarcado com alta de 9% sustentou o ritmo em diversos segmentos, que se beneficiaram do câmbio desvalorizado e ampliaram suas vendas, como o complexo soja com incremento de 27,8%; papel e celulose (27,6%); metalúrgicos (16,3%), dentre os mais importantes.

As exportações, por outro lado, segue se beneficiando do crescimento da China – cujos embarques cresceram 36,7% em volume e 7% nas receitas no mês passado. O aumento da demanda do país asiático tem impulsionado até a alta de preços, em alguns segmentos como soja, celulose e minério de ferro. O desafio permanece na queda dos embarques de produtos manufaturados (-55% em outubro), que pode recrudescer ainda mais com a segunda onda de covid-19 na Europa e nos EUA, maiores mercados para o setor, além do fator Argentina, que tem uma crise doméstica a vencer.

As importações se mantém em queda/estagnadas, mas devem paulatinamente ir reduzindo as perdas, no embalo da gradual retomada da atividade doméstica, embora o real desvalorizado e a menor demanda por combustíveis limitem a recuperação.

Com exceção dos bens de consumo, que subiram 14,4% em outubro, comparado ao mesmo mês do ano passado, todas as demais categorias registraram quedas, com destaque para a redução de 86% nas compras de combustíveis e de 38,2% na de bens intermediários.

Com o resultado de outubro, a balança comercial da Bahia acumula um superávit de US$ 2,5 bilhões em 2020, alta de 154,4% em relação ao mesmo período do ano anterior. As exportações somam US$ 6,35 bilhões com recuo de 8,2% e as importações em US$ 3,85 bilhões com queda de 35,1%, muito superior ao das exportações. A corrente de comércio, medida do dinamismo comercial e da integração ao mercado internacional, atingiu no período US$ 10,2 bilhões com retração de 20,6%.

Tabela 1 – Balança comercial Bahia –Jan.-out. 2019/2020

(Valores em US$ 1000 FOB)

Discriminação	2019	2020	Var. %
Exportações	6.915.096	6.348.827	-8,19
Importações	5.932.040	3.847.926	-35,13
Saldo	983.056	2.500.901	154,40
Corrente de comércio	12.847.136	10.196.753	-20,63

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 09/11/2020.
Elaboração: SEI.
Obs.: Importações efetivas, dados preliminares.

Após a esperada retomada da economia global no terceiro trimestre, incertezas pautam o início deste último trimestre. O aumento dos casos de Covid-19 levou à retomada de medidas de restrição de circulação de pessoas na maioria dos países da Área do Euro. O temor crescente de uma reversão econômica com as novas restrições ameaça agravar o dano econômico causado pelos lockdowns da primavera na Europa.

Com isso, os números fortalecem cada vez mais a impressão de que uma volta da produção e do comércio mundial aos níveis pré-coronavírus será dolorosamente lenta na maior parte do mundo desenvolvido. Os dados econômicos disponíveis indicam que o sólido crescimento no terceiro trimestre deverá ser seguido por uma expansão mais modesta, enquanto empresas, trabalhadores e governos se adaptam ao que poderá ser um longo período de incerteza sobre a evolução da pandemia e a disponibilidade de uma vacina.

Nesse cenário nebuloso, em que as economias enfrentam dificuldades para retomar os níveis pré-pandemia (a estimativa agora é de queda de 4,4% do PIB global neste ano, e não mais de 5,2%), até o FMI sugere que os governos, se possível, continuem ajudando empresas e trabalhadores, apesar do crescimento da dívida pública. A suspensão das regras fiscais é justificada neste momento, mas é preciso que ela esteja combinada com compromisso de consolidação gradual após a crise. Na busca por dinheiro, o FMI orienta o fim de subsídios "mal desenhados" e até o aumento da taxação sobre os

mais ricos, com elevação de alíquotas para as faixas mais abastadas, para o ganho de capital e sobre fortunas além de mudanças tributárias que garantam que as empresas paguem impostos compatíveis com os seus lucros. Essas recomendações do FMI, templo da ortodoxia econômica, seriam inimagináveis tempos atrás.

Com esse cenário, a recessão global causada pela Covid-19 tende a acelerar o deslocamento do dinamismo da economia mundial para a Ásia, onde, com a China à frente, um melhor controle da pandemia já começa a resultar numa retomada mais rápida e vigorosa do que em outras regiões. Além da China, Vietnã, Taiwan e Coreia do Sul são exemplos de países que terão desempenho econômico acima da média mundial, pelas projeções do Fundo Monetário Internacional (FMI).

Esse movimento aponta para a continuidade das tensões comerciais entre China e Estados Unidos e para a manutenção da alta demanda chinesa por matérias-primas produzidas pelo Brasil, como soja, minério de ferro, celulose e carne. O crescimento de 4,9% do PIB chinês no terceiro trimestre, na comparação com igual período de 2019, reforçou esse cenário. A recuperação da China é marcada por medidas concentradas no crédito e no apoio às empresas, ao passo que a pandemia, segundo especialistas, parece contida.

Com isso, o FMI espera avanço de 1,9% na economia do país este ano, ante retração de 4,4% no PIB global. Como os EUA deverão registrar retração de 4,3%, a chegada da China ao posto de maior economia do mundo, ultrapassando a americana, poderá ocorrer em 2028.

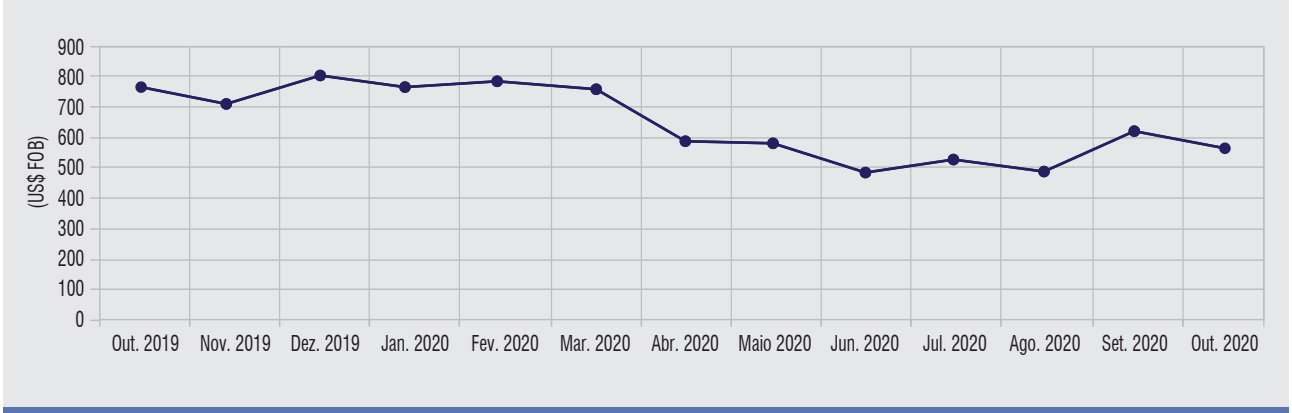

Gráfico 1 – Evolução dos preços médios de exportação – Bahia – Out. 2019-2020

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 08/11/2020.
Elaboração: SEI.

Os preços médios dos produtos exportados pela Bahia, em outubro continuam tendo efeito negativo nas exportações baianas. Em outubro, eles tiveram redução média de 9,1%, ante o mês anterior e de 21,1%, em relação ao mesmo mês do ano anterior. Na comparação com os dez primeiros meses do ano passado os preços médios dos produtos vendidos ao exterior desvalorizaram-se 27,7% no período.

A taxa de câmbio impulsionou as perspectivas de margens dos produtos agrícolas. Com preços atrativos, os produtores já antecipam as vendas dessa nova safra. A estimativa é de preços médios ponderados dessas vendas antecipadas, o que resultaria em margem operacional, acima da média dos últimos cinco ciclos.

Tabela 2 – Exportações baianas
Principais segmentos – Jan.-out. 2019/2020

Segmentos	Valores (US$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %	Var. % Preço médio
	2019	2020			
Soja e Derivados	1.286.588	1.457.699	13,30	22,96	-1,19
Petróleo e Derivados	703.050	907.019	29,01	14,29	-36,09
Papel e Celulose	991.327	833.151	-15,96	13,12	-23,61
Químicos e Petroquímicos	1.031.746	651.699	-36,84	10,26	-26,84
Metais Preciosos	368.176	423.209	14,95	6,67	21,71
Metalúrgicos	765.636	420.646	-45,06	6,63	-40,18
Algodão e Seus Subprodutos	397.886	356.295	-10,45	5,61	-6,98
Máquinas, Aparelhos e Materiais Mecânicos e Elétricos	120.565	251.778	108,83	3,97	-17,42
Minerais	152.665	211.740	38,70	3,34	-32,00
Cacau e Derivados	173.380	161.872	-6,64	2,55	1,39
Frutas e Suas Preparações	134.997	138.969	2,94	2,19	-1,94
Automotivo	320.667	122.562	-61,78	1,93	-11,36
Café e Especiarias	95.469	99.652	4,38	1,57	1,51
Borracha e Suas Obras	129.198	82.990	-35,77	1,31	-5,36
Sisal e Derivados	69.211	63.226	-8,65	1,00	-7,73
Couros e Peles	56.386	48.897	-13,28	0,77	-25,08
Fumo e Derivados	19.936	23.256	16,65	0,37	24,60
Calçados e Suas Partes	35.419	21.726	-38,66	0,34	-15,65
Carne e Miudezas de Aves	12.846	16.698	29,99	0,26	3,44
Demais Segmentos	49.947	55.743	11,60	0,88	-35,01
Total	6.915.096	6.348.827	-8,19	100,00	-27,72

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 09/11/2020.
Elaboração: SEI.

No acumulado entre janeiro a outubro, as exportações do agronegócio somaram US$ 3,24 bilhões, uma elevação de 6,4%, na comparação com período equivalente do ano passado. Já os produtos manufaturados como um todo registraram queda de (-13%), comparados a igual período de 2019. Esse agregado, já vinha perdendo substância na pauta exportadora, afetado por perda de competitividade sistêmica, logística inadequada e insuficiência de financiamento. Esse ano, a essas condições adversas, somaram-se os efeitos da pandemia, que recrudesceram justamente nos mercados que absorvem a maior parcela de produtos manufaturados baianos, como a Europa, os EUA e a América Latina. Isso sem falar do fator Argentina, que tem uma crise doméstica a vencer, e desde o ano passado vem comprando menos, principalmente, automóveis, químicos e pneumáticos.

O aumento do volume exportado, comparativamente a 2019, corrobora com a tese da resiliência do setor agroexportador à crise pandêmica, principalmente de produtos como soja, celulose, cobre, minerais e algodão. Só para a China no ano, até outubro, eles aumentaram 23% em volume ou o equivalente a 4,6 milhões de toneladas, resultando em receitas que somaram US$ 1,77 bilhão.

Com efeito, com o deslocamento para a Ásia do dinamismo econômico, mais da metade dos embarques baianos tiveram como destino esta região, excluindo Oriente Médio. A Ásia absorveu de janeiro a outubro deste ano, US$ 3,38 bilhões em produtos baianos, o que representou 53,2% do total exportado pelo Estado no período. Em iguais meses do ano passado essa fatia era de 46,5%. As exportações para a região cresceu 5,2%, enquanto para o resto do mundo, elas caíram 19,8%.

A China contribuiu fortemente para esse avanço. Maior destino comercial da Bahia quando consideramos países, isoladamente, a China avançou de 27,7% para 29,8% na fatia de embarques baianos de janeiro a setembro do ano passado para iguais meses deste ano. Mas o restante da Ásia também colaborou. Cingapura foi o segundo maior mercado, com compras de US$ 839,5 milhões em produtos baianos no ano, alta de 61,7% em relação a igual período de 2019.

Também houve queda nas importações no ano, de 35,1% a US$ 3,85 bilhões, reflexo direto da pandemia, que afetou mais fortemente as importações através do choque na atividade interna e da forte depreciação cambial.

Apesar de alguma melhora no segundo semestre, o comportamento negativo das compras externas vem sendo registrado ao longo de todo o ano, impactado pela frustrada recuperação da economia, ainda no primeiro trimestre, mas se acentuou a partir da pandemia, em função do câmbio desfavorável e da contração da demanda doméstica, sob os efeitos do isolamento social e da atividade econômica parcialmente paralisada.

Até outubro a redução foi generalizada, puxada principalmente pelo recuo de 71% em combustíveis e 33,8% em bens intermediários, principalmente matéria prima para a indústria.

A recuperação gradual da economia, como vem ocorrendo no terceiro trimestre, aliada à sazonalidade, pode trazer reação das importações, mas o real desvalorizado deve limitar esse movimento, mantendo a dinâmica resultante da pandemia, com desembarques em queda bem mais acelerada que a das exportações.

Tabela 3 – Importações baianas por categorias de uso – Jan.-out. 2019/2020

(Valores em US$ 1000 FOB)

Discriminação	2019	2020	Var. %	Part. %
Bens intermediários	4.364.901	2.891.823	-33,75	75,15
Bens de capital	674.664	578.598	-14,24	15,04
Combustíveis e lubrificantes	691.426	201.250	-70,89	5,23
Bens de consumo não duráveis	92.856	93.213	0,38	2,42
Bens de consumo duráveis	108.169	79.968	-26,07	2,08
Bens não especificados anteriormente	24	3.076	12.827,82	0,08
Total	**5.932.040**	**3.847.926**	**-35,13**	**100,00**

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 07/10/2020.
Elaboração: SEI.
OBS.: importações efetivas, dados preliminares.

SEI 25 65
SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA
25 ANOS DE SEI. 65 ANOS DE HISTÓRIA.

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO

GOVERNO DO ESTADO
BAHIA. AQUI É TRABALHO.